

Leksikon Yu Mitologije: memória e nostalgia nos territórios da antiga Iugoslávia*

Mariana Hebling

Alen Loureiro **

DOI:

10.11606/issn.2318-8855.v11i1p

364-388

Resumo: Considerando a ampla diversidade cultural e narrativa que atravessa os processos de independência e de construção de memória no território da antiga República Socialista Federativa da Iugoslávia – atualmente dividido em seis repúblicas independentes e um espaço cuja autonomia ainda está em disputa –, se busca estabelecer um panorama das imagens mais presentes na memória coletiva, compartilhadas em toda a extensão do território, quando se fala no fenômeno recente da iugonostalgia. Para isso, se propõe um balanço dos grupos temáticos que aparecem com maior frequência no documento Leksikon YU mitologije, um compilado narrativo que conta com contribuições de inúmeros autores, relatando suas memórias pessoais na medida em que se misturam com imagens e símbolos da vida na ex-república socialista. Assim, através dos resultados obtidos pelo balanço quantitativo, que classifica em categorias todo o corpo do documento, se observa em que medida o sentimento nostálgico se reporta a um passado mistificado, em que há a confluência de elementos de natureza pessoal e coletiva e, principalmente, o que essas imagens nos revelam acerca das contradições do tempo presente.

Palavras-chave: Bálcãs; iugonostalgia; Iugoslávia; Memória; Nostalgia.

* Agradeço ao Prof. Dr. Angelo Segrillo (Universidade de São Paulo) pela orientação e atenção que tornou este trabalho possível.

** Graduada em História pela Universidade de São Paulo, Laboratório de Estudos da Ásia (LEA - USP). Contato: mrnhebling@gmail.com.

Para além do Muro de Berlim: três décadas depois

Um espectro ronda o leste europeu – o espectro da nostalgia vermelha. Se as últimas décadas do século XX testemunharam o colapso das economias socialistas para lá da cortina de ferro, o século XXI testifica a emergência de um curioso fenômeno: o desabrochar de múltiplas manifestações culturais que sonham com seus passados perdidos. As chamadas *Nostalgia Soviética*, *Ostalgie* e *Iugonostalgia*, apesar de suas peculiaridades, compartilham a mesma base ideológica: “a estrutura básica que privilegia um passado vermelho em detrimento de um presente incolor”¹ (BOŠKOVIĆ, 2013, p. 54, tradução nossa). Os resultados se expressam em diversas instâncias: como inspiração no campo das artes, como anseio pelo antigo poderio militar e reputação internacional na retórica política, como saudade dos bens de consumo produzidos e comercializados para a vida cotidiana, ou como almejo pelas políticas de bem-estar social e cooperação.

O processo de dissolução da República Socialista Federativa da Iugoslávia teve início na década de 1990, dando origem a seis repúblicas independentes e um espaço cuja autonomia ainda está em disputa. Até os dias de hoje, algumas controvérsias permanecem em aberto: em 2008 ocorre a declaração unilateral de independência da República de Kosovo, que não foi reconhecida pelas autoridades do país do qual fez parte desde 1912, a República da Sérvia; e o território da Bósnia e Herzegovina permanece fragmentado, composto por um território livre e duas entidades étnicas politicamente autônomas. De construção muito recente, os campos da história, das identidades e da(s) memória(s) ainda são zonas de discussões inflamadas, permeadas por discursos e narrativas múltiplos: não há consenso quando se fala de responsabilidade, os eventos históricos são contestados, as retóricas políticas são agressivas – e enquanto isso, as cicatrizes permanecem abertas e visíveis. Esse

¹ No original: “The same basic structure of privileging the red past over a colorless present”.

cenário, resultado de uma transição turbulenta, desperta discursos que buscam as respostas para as contradições do tempo presente no passado: daí nasce a nostalgia, discurso em ascensão nos espaços pós-socialistas.

Os territórios da antiga Iugoslávia hoje

Enquanto a questão da multiplicidade étnica do estado não pode ser considerada a única causa do colapso iugoslavo, a forte presença dos discursos nacionalistas que emergiram na década de 1990 não pode ser negada: a retórica que alimentou as guerras de dissolução da Iugoslávia enfatizava as diferenças culturais, linguísticas e étnicas entre as diferentes repúblicas, em detrimento do lema político do presidente Josip Broz Tito, *fraternidade e unidade*². Com exceção da Sérvia e de Montenegro³, os países do sudeste europeu se viram independentes⁴ pela primeira

² Do servo-croata *Bratstvo i jedinstvo*, traduzido como fraternidade (ou irmandade) e unidade. O lema é um dos mitos de origem da Iugoslávia de Tito, junto com a sua proposta de um socialismo próprio, marcado pela ruptura com Stalin em 1948. Refere-se à libertação dos territórios ocupados pelas forças fascistas na Segunda Guerra Mundial, conquistada pelos *Partisans*, movimento no qual lutaram indivíduos provenientes de todas as etnias sul-eslavas.

³ Para além da breve existência de reinos medievais, no século XIX, a Sérvia conquistou sua autonomia através de uma série de revoltas contra a ocupação otomana, existindo como um principado autônomo até adquirir sua independência em 1878. Após a independência, se manteve até 1918, ano da criação do Reino dos Croatas, Sérvios e Eslovenos (PEROVIĆ, 2017, pp. 220-270). Montenegro também estava sob a ocupação otomana, apesar de já existir com relativa autonomia. Adquire sua independência oficialmente em 1878, mantendo-a até a sua integração em 1918 ao Reino dos Croatas, Sérvios e Eslovenos (RASTODER, 2017, pp. 90-125).

⁴ Aqui se entende por independência a ideia de autonomia nacional que se cristalizou no século XIX: nesse período, os mitos históricos do sudeste europeu, assim como vários outros mitos nacionais da Europa Oriental, foram mobilizados como o núcleo em torno do qual suas ideologias de libertação nacional foram construídas, se voltando principalmente para o seu passado medieval (PAVKOVIĆ, 2000, pp. 3-5). No entanto, o historiador John Fine, em seu livro *When Ethnicity Did Not Matter in the Balkans*, demonstra que, até o final do século XIX, os termos "croata", "sérvio" e "bósnio" eram raramente utilizados – a maioria da população referia a si como apenas "eslavo" (FINE, 2006, p. 557). Assim, essa precisa separação entre nacionalidades é um fenômeno moderno, e essa procura por mitos de origem em seus respectivos passados é mais anacrônica do que historicamente precisa. Não obstante, os discursos nacionalistas nessas regiões se voltam para o seu passado medieval com conceitos do século XIX, procurando, nas escassas menções dos termos *Croácia*, *Sérvia* e *Bósnia* na documentação, argumentos para justificar as suas particularidades étnicas e culturais, e, principalmente, o seu direito histórico em relação ao território reivindicado (BAKER, 2015, pp. 7-9).

vez em sua história através desse processo, emergindo de forma autônoma como resultado de uma sequência de eventos extremamente traumática, envolvendo campos de extermínio, limpeza étnica e cerco de cidades. As independências da Croácia e da Eslovênia tinham no centro de seu discurso a tentativa de afastamento de qualquer cultura *balcânica, iugoslava* ou *sérvia* (BAKER, 2015, p. 54), enquanto na Bósnia e Herzegovina, o complexo conflito pela independência entre o Exército da República Sérvia – separado do JNA⁵ em 1992 – e as forças locais levou às violentas práticas contra cidadãos, ao genocídio de Srebrenica e à interferência de organizações internacionais, que também atuaram de maneira intensa em outras regiões. No entanto, desde o início desse processo até os dias de hoje, esse espaço, que foi, ao longo dos anos 1980 e 1990, esvaziado daquilo que era visto como *ruínas decrépitas do socialismo iugoslavo*, foi apenas parcialmente preenchido com *conteúdos progressistas e democráticos* (SPASKOVSKA, 2017, p. 159), motivações que estavam no centro dos discursos e que justificaram o desmembramento da Iugoslávia⁶. Como relembra Rebecca West – que rejeita essa definição –, os Bálcãs foram historicamente caracterizados como uma região de violência, incivilidade e até mesmo *barbárie* (WEST, 1982, p. 21), sendo que, ainda hoje, essa região representa uma alteridade para a Europa Ocidental em vários sentidos⁷. Porém, se antes esse distanciamento era marcado pela oposição entre o mundo católico e o bizantino-otomano, a Guerra

⁵ Sigla de *Jugoslovenska narodna armija*, traduzido como Exército Popular Iugoslavo.

⁶ Ao longo do processo de transição, uma boa parte da retórica política se baseava em construções que reivindicam um *status* "europeu" privilegiado para alguns grupos do país, enquanto condenam outros, como "balcânicos" ou "bizantinos" – portanto, *não-europeus*. Esse discurso se baseia em oposições que privilegiam os territórios predominantemente católicos – ex-Habsburgo – da Eslovênia e Croácia sobre os territórios predominantemente ortodoxos, muçulmanos e ex-otomanos no resto do país (BAKIC-HAYDEN; HAYDEN, 1992, p. 4). Assim, a prosperidade futura dos países emergentes da transição capitalista estava associada de maneira simbólica à aproximação com o Ocidente.

⁷ Como evidenciam Bakic-Hayden e Hayden, todos os eixos duais da geografia simbólica que implicam uma divisão ideológica hierárquica na Europa se cruzam no espaço (pós-)Iugoslávia, cujo território foi o ponto de encontro de Impérios (Romano Oriental e Ocidental, Otomano e Habsburgo), de alfabetos (latino e cirílico), religiões (catolicismo, cristianismo ortodoxo e islamismo) e regimes políticos (BAKIC-HAYDEN; HAYDEN, 1992, p. 4).

Fria lhe concede uma nova camada: a oposição ideológica e política entre o oeste capitalista e democrático e o leste (pós-)comunista e totalitário (BAKIC-HAYDEN; HAYDEN, 1992, p. 3). Assim, de acordo com essa percepção, apenas a Eslovênia foi completamente integrada às instituições ocidentais⁸ (DJOKIĆ, 2013, p. 73) – ou seja, as perspectivas defendidas pelos partidários da transição socialista de maior prosperidade econômica e política pela aproximação com o Ocidente não foram de fato concretizadas, e ficou claro que a maioria das promessas e expectativas de transição irrealistas foram traídas (VELIKONJA, 2017, p. 520).

Nessa longa e dolorosa trajetória que culminou em um presente ambíguo, o fantasma desses conflitos trouxe à tona um lado sombrio e destrutivo desse nacionalismo ressurgente, alimentando uma percepção nostálgica que não se volta apenas para o sonho do pan-eslavismo, mas para a relativa paz e prosperidade dos anos 1960 e 1970 (VOLČIČ, 2007, p. 25). Quando se trata dos estados sucessores da Iugoslávia, é preciso lembrar que são simultaneamente sociedades pós-conflito e pós-socialistas: os mesmos movimentos que afetaram o Leste Europeu e a antiga URSS depois do colapso do comunismo também se deram nessa região, mas, nesse caso, interseccionadas com as dinâmicas do conflito armado (BAKER, 2015, p. 5).

Pesquisas de opinião pública⁹ evidenciam a insatisfação da população com a realidade atual, que adquire diferentes facetas e proporções em cada república. A

⁸ Em sua busca pela integração com a Europa Ocidental, esses países têm enfrentado mais dificuldades do que o previsto. Apenas a Eslovênia (2004) e a Croácia (2013) são membros da União Europeia, enquanto a Sérvia, Montenegro, Bósnia e Macedônia ainda estão nos estágios iniciais de negociações, as quais exigem que uma série de mudanças sejam realizadas para que os seus *status* possam ser reconsiderados. O *status* das negociações pode ser consultado aqui: <<https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/enlargement/>>.

⁹ As pesquisas mais recentes foram realizadas pelos institutos Ipsos (2011) e Gallup (2017), e os resultados estão disponíveis online, respectivamente: <<https://www.hf.uio.no/ilos/english/research/projects/nation-w-balkan/>> e <<https://news.gallup.com/poll/210866/balkans-harm-yugoslavia-breakup.aspx>>.

comparação entre as duas pesquisas mais recentes, a primeira de 2011 e a segunda de 2017, evidencia o aumento da insatisfação da população com a dissolução da República Socialista Federativa da Iugoslávia nos países integrantes. Na tabela abaixo, estão expostos os resultados das duas pesquisas realizadas para fins comparativos:

“Esse país foi afetado negativamente pelo fim da RSF Iugoslávia?”

| País | Ipsos (2011) | Gallup (2017) |
|----------------------|---------------------|----------------------|
| Bósnia e Herzegovina | 68.2% | 77% |
| Croácia | ..18% | 23% |
| Kosovo | 5% | 10% |
| Macedônia | 45.3% | 61% |
| Montenegro | 63.1% | 65% |
| Sérvia | 70.9% | 81% |

- A porcentagem indica o número de pessoas que, dentro do grupo entrevistado, respondeu à pergunta acima afirmativamente.
- A pesquisa não foi realizada na Eslovênia.

A insatisfação no presente estimula o olhar para o passado. Esse fenômeno em ascendência, a nostalgia nos países da antiga República Socialista Federativa Iugoslávia, foi apelidado de *iugonostalgia* – o saudosismo em relação à liderança de Josip Tito Broz e às dinâmicas políticas, culturais e sociais em voga durante esse período, especialmente nas décadas de 1960 e 1970. Suas manifestações são variadas, porém, a acentuação dessa tendência de insatisfação se revela em todas as repúblicas. Em territórios que têm em comum o olhar nostálgico em relação ao seu passado compartilhado, mas que ainda discordam quanto a sua trajetória histórica, como compreender a emergência desse fenômeno? E como reconstituir, a despeito das diferenças do presente, aquilo que compõe na memória coletiva esse passado perdido ao qual se deseja o retorno?

A nostalgia como um fenômeno moderno: utopias retrospectivas

O conceito de nostalgia é de difícil definição, por sua natureza ambivalente e elusiva: “é sobre a repetição do irrepitível, a materialização do imaterial”¹⁰ (BOYM, 2001, p. XVII, tradução nossa); “um ‘romance de final infeliz’, ‘um amor triste’, ‘um elogio amargo do doce passado’, ou, de forma concisa, ‘uma utopia retrospectiva’”¹¹ (VELIKONJA, 2008, p. 33, tradução nossa). De fato, o termo *nostalgia* possui uma intensa e múltipla carga simbólica, se manifestando de diferentes maneiras: do *kitsch* à retórica política, do museu aos *lieux de mémoire* – e, justamente por isso, é uma poderosa fonte para a investigação histórica, pois além de revelar aspectos cotidianos do passado que fogem do alcance das narrativas oficiais, também aponta para as contradições do tempo presente. Em sua obra *The Future of Nostalgia*, a autora Svetlana Boym se propõe a pensar de que maneiras o fenômeno da nostalgia se manifesta na contemporaneidade, elaborando uma tipologia teórica e conceitos úteis para a compreensão da especificidade do papel da memória nos espaços pós-socialistas, articulando as relações entre nostalgia e modernidade.

Para Boym, a nostalgia diz tanto sobre o passado quanto diz sobre o presente, em um emaranhado de temporalidades: “ela pode ser retrospectiva, mas também prospectiva. Fantasias do passado determinadas por necessidades do presente têm um impacto direto sobre as realidades do futuro”¹² (BOYM, 2001, p. XVI, tradução nossa). Nesse sentido, os sentimentos nostálgicos têm uma profunda relação com o tempo presente e com as transformações cada vez mais aceleradas que constituem o mundo ocidental do capitalismo tardio. Recuperando os conceitos de Reinhart

¹⁰ No original: “it is about the repetition of the unrepeatable, materialization of the immaterial”.

¹¹ No original: “a ‘romance with an unhappy ending’, ‘a sad love’, ‘a bitter eulogy of the sweet past’, or put concisely, ‘a retrospective utopia’”.

¹² No original: “It can be retrospective but also prospective. Fantasies of the past determined by needs of the present have a direct impact on realities of the future”.

Koselleck de *espaço de experiência e horizonte de expectativa*, a autora afirma que a nostalgia é “uma emoção histórica, o desejo do diminuto espaço de experiência que não cabe mais no horizonte de expectativa”¹³ (BOYM, 2001, p. 10, tradução nossa). Assim, transcendendo as biografias pessoais, a nostalgia persiste como uma intermediária entre as memórias coletiva e individual, oferecendo um rico campo de investigação histórica, uma porta para territórios que não são acessíveis através das fontes tradicionais.

A memória coletiva em sociedades pós-socialistas possui características muito específicas, graças à sucessão de transições disruptivas que atravessam a sua história: as permutações políticas, econômicas e de identidade – do *(inter)nacionalismo* comunista para, na maioria dos casos, novos etnocentrismos, *eurocentrismos* e *ocidentalismos* (VELIKONJA, 2008, p. 54). Assim, nesses territórios de narrativas disputadas, formas de resistência ao apagamento das vivências comuns coexistem com a história pública: o que vemos é um repositório de memórias pessoais que desafia as tentativas de uma história oficial em termos historicistas e compõe uma memória coletiva mais ampla – da vida cotidiana, dos símbolos culturais, dos marcos emocionais que resistem às definições precisas (BOYM, 2001, p. 52). A memória coletiva constrói-se como um mosaico de experiências pessoais elaboradas e evocadas em sua associação com símbolos presentes na vida privada; nesse sentido, se delineiam novas fontes possíveis ao historiador, que extrapolam o formato tradicional da documentação oficial: a história oral, as manifestações artísticas e, até mesmo, as organizações que se constroem na internet, em uma tentativa de replicar territórios no universo virtual.

Essas fontes, assim como todo objeto analisado pelo historiador, estão permeadas de subjetividades. Se o sentimento nostálgico se confunde com fantasias do presente, também nos traz uma visão parcial do passado, pelos sentidos daquele

¹³ No original: “a historical emotion, is a longing for that shrinking ‘space of experience’ that no longer fits the new horizon of expectations”.

que reporta a experiência vivida. É difícil distinguir em que medida se fala daquele momento histórico, do período da infância ou da adolescência do indivíduo que narra, das antigas perspectivas de futuro que foram frustradas, ou ainda da decepção com o estado atual das coisas – provavelmente, uma complexa combinação de todos esses fatores. No entanto, essas dificuldades não diminuem a sua riqueza como fonte – pelo contrário, para o historiador que deseja ir além da *imagem eterna do passado*, acrescentam maior profundidade ao trazerem vozes que não poderiam ser ouvidas de outra maneira. Nas palavras de Walter Benjamin, “articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo ‘tal como ele foi’. Significa apoderarmo-nos de uma recordação quando ela surge como um clarão em um momento de perigo” (BENJAMIN, 2012, p. 11); em outras palavras, o passado revela-se no presente em um choque no qual nenhum dos dois pode incorporar o outro em uma experiência coerente, transformando a história em “objeto de uma construção cujo lugar é constituído não por um tempo vazio e homogêneo, mas por um tempo preenchido pelo Agora” (BENJAMIN, 2012, p. 18). Assim, mediadas pela nostalgia e pela ironia, essas vozes propõem uma prática historiográfica que transforma o passado em experiência presente através de formas construtivistas de narrativa, que criam constelações entre passado, presente e futuro.

Materializações nostálgicas: a dualidade restaurativa/reflexiva

Se a nostalgia é um fenômeno multifacetado, inerente à modernidade e à aceleração do tempo histórico, que se exprime tanto de maneira individual quanto como coletiva, Boym afirma a necessidade de se estabelecer distinções entre as suas formas de manifestação. Historicamente, o termo apareceu pela primeira vez no século XVII no campo da medicina¹⁴, para designar uma patologia frequente em

¹⁴ O vocábulo é a combinação dos termos grego *nostos*, que significa *retorno ao lar*, e *algia*, que exprime a noção de dor. Assim, a expressão, elaborada por um médico suíço no século XVII, é nostalgicamente

soldados e marinheiros que passavam muito tempo longe de suas casas, mas que era passível de cura através do eventual retorno ao lar. Ao longo dos séculos, especialmente durante os processos de consolidação dos estados-nação na Europa, a nostalgia passou a ser vista como algo positivo: uma demonstração de amor à pátria, ligada aos mitos de origem. Simultaneamente, passou a ser explorada por filósofos apenas como um fenômeno do pensamento, sem pretensões de restaurar passados perdidos. Essas instâncias são o primeiro momento do que a autora divide em nostalgias *restaurativa* e *reflexiva*, duas formas de expressão desses sentimentos: enquanto a nostalgia restaurativa, ligada ao *nostos*, não se percebe como nostalgia, e sim como verdade e tradição que devem ser defendidas a qualquer custo, a nostalgia reflexiva, como *algia*, seria uma materialização crítica da nostalgia, que sabe olhar para o passado e enxergar suas contradições, reconhecer responsabilidades e questionar as pretensas narrativas oficiais. Assim, se a nostalgia restaurativa, que se manifesta como conspiração e volta às origens, está no centro dos revivalismos nacionais e religiosos atuais, de reconstruções a-históricas das pátrias idealizadas, a nostalgia reflexiva não segue uma única narrativa, explorando diversas maneiras de se habitar determinados espaços, colocando desafios éticos e criativos que inspiram a reflexão e o questionamento.

Considerando essas chaves de leitura, a fonte escolhida para esse trabalho é uma manifestação da nostalgia reflexiva: combinando humor, ironia e pensamento crítico, se elabora um documento de criação coletiva que não possui pretensões de se tornar uma narrativa definitiva. Ao contrário, o *Leksikon YU mitologije*¹⁵ se constrói como uma constelação de elementos de naturezas diversas que, colocando no mesmo patamar simbólico ex-presidentes e marcas de sabão em pó, ilustra o *universo mitológico* de um território já inexistente.

grego (BOYM, 2001, p. 3).

¹⁵ Fonte disponível em <<http://www.leksikon-yu-mitologije.net/>>.

Um léxico da vida privada: memórias pessoais, museu coletivo

Em 1989, ano que marca a queda do muro de Berlim e o início da desintegração das economias socialistas, a escritora Dubravka Ugrešić, ao lado dos editores da revista *Start* sediada em Zagreb, publica um convite: uma chamada pública a todos os interessados em compartilhar, através de relatos pessoais, suas memórias acerca da vida cotidiana e da cultura popular na República Iugoslávia de Josip Broz Tito. Concebido na iminência das violentas guerras que despedaçariam e assolariam as repúblicas durante a década de 1990, o projeto tinha como objetivo principal estabelecer formas de diálogo e conciliação entre as múltiplas identidades que coexistiam sob o lema da *irmandade e união*. Porém, no ano de 1991 – que trouxe os primeiros episódios da guerra civil e a separação de duas das seis repúblicas constituintes da federação –, o projeto parecia ter perdido sua importância, uma vez que a retórica dominante era a da impossibilidade de comunicação.

No entanto, frente a esse cenário de desentendimento, a iniciativa adquire um novo sentido: se torna um espaço de manifestação contra os projetos nacionalistas que se impunham e buscavam sufocar o passado de cooperação e coexistência entre as etnias. Nas palavras de Ugrešić, a década de 1990 foi marcada por processos de “confisco da memória”¹⁶ (UGREŠIĆ, 1996, p. 32, tradução nossa), ou seja, de negação das práticas culturais iugoslavas, criando a necessidade de novas formas de resistência contra o apagamento das vivências e histórias pessoais da memória pública. Transferido, então, para um website, o *Leksikon YU mitologije* se torna simultaneamente um museu coletivo, uma espécie de enciclopédia e uma afirmação política, acumulando um extenso número de registros sobre os mais diversos signos da vida cotidiana na ex-república socialista.

¹⁶ No original: “confiscation of memory”.

O website é organizado em formato de enciclopédia, contando com centenas de verbetes com entradas de texto, fotografias, desenhos e ilustrações, dedicados à vasta gama de fenômenos que dizem respeito à vida cotidiana na ex-Iugoslávia. Personalidades célebres ou infames de diferentes profissões (cantores populares, músicos, esportistas e celebridades locais), movimentos artísticos e literários, diversos fenômenos da cultura popular (dos programas de televisão aos estilos de cabelo), produtos nacionais de consumo, espaços públicos conhecidos, subcultura urbana, experiências pessoais no exército – tudo isso colocado lado a lado, em um mesmo patamar simbólico. Para cada verbete, há pelo menos um relato escrito por contribuintes interessados em narrar suas memórias e experiências pessoais – daí o caráter coletivo e contínuo do projeto: desde sua criação até os dias de hoje, o website permanece aberto para novos registros. A internet, como um espaço infinito *per se*, é um suporte que enfatiza o caráter permanentemente aberto do *Leksikon*, que se mostra sempre passível de acréscimos e aprimoramento.

Leksikon YU mitologije: modos de leitura

O *Leksikon* pode ser lido de diversas formas: como um museu, uma enciclopédia, ou um trabalho de ficção. O próprio título do projeto fornece algumas pistas de interpretação: o termo *Léxico* implica a ideia de um dicionário, uma reunião desse vocabulário mnemônico compartilhado no passado; a escolha da sigla YU¹⁷ ao invés do nome do país ou do adjetivo *iugoslavo* (i. e. *Leksikon jugoslavenske mitologije*), transforma esse território em um símbolo, do qual se fala em *mitologia* ao invés de *história*. Essa escolha nos aproxima da ideia de *nostalgia reflexiva* de Boym, na medida em que essa manifestação nostálgica não se enxerga como uma narrativa única e linear ou como um reino a ser reconstruído no presente. Como uma constelação de memórias coletivas, propõe uma nova maneira de se recuperar o território perdido: no plano do virtual, um espaço sem fronteiras e infinitamente passível de expansão. Mesmo hoje, após décadas do processo de desmembramento da Iugoslávia, os seus estados herdeiros continuam a lidar com a seleção, apropriação e redistribuição da propriedade cultural, mitos, símbolos, heróis, memoriais e legados históricos do estado compartilhado (PERICA, 2014, p. 97). Essas disputas acontecem nos diversos domínios da cultura popular, em

¹⁷ A todos os países europeus, mesmo os que não pertencem à União Europeia, é atribuído um código de duas letras. Esse código está presente em documentações de diversas naturezas, inclusive de caráter oficial.

uma reivindicação dos grandes nomes do esporte, cinema ou música como pertencentes às novas nações, e não como parte da cultura iugoslava. Nesse sentido, o *Leksikon* opera como um local de reconciliação, no qual a cidade natal ou os antepassados de determinados fenômenos ou indivíduos não são tão importantes quanto a sua relevância cultural, artística ou simbólica.

Isso se mostra ainda mais claro quando analisamos a autoria do *Leksikon*. Construído como um projeto colaborativo, é um verdadeiro microcosmo da vida na república socialista, mediado pelo lema da *fraternidade e unidade*: autores sérvios ou macedônios escrevem afirmativamente sobre pessoas e fenômenos croatas, bósnios ou eslovenos, e vice-versa. A menção em maior ou menor grau a todos os idiomas oficiais da república – esloveno, servo-croata e macedônio¹⁸ –, aos dois alfabetos utilizados nos territórios da república – o latino e o cirílico –, aos três tipos de grafia¹⁹ – *ikavica*, *ekavica* e *ljekavica* –, e a presença de diversas expressões e termos específicos de determinadas regiões no vocabulário dos textos são evidências dessa rica combinação de vozes: os verbetes utilizam-se de vocábulos e dialetos que atestam a diversidade étnica dos autores.

Um panorama da memória coletiva: análise quantitativa

Considerando a fonte como um repertório coletivo do passado iugoslavo, a qual comporta símbolos e práticas que integravam o cotidiano dos cidadãos da ex-república, o

¹⁸ As três línguas oficiais da Iugoslávia eram o esloveno, servo-croata e macedônio. Com a dissolução da república socialista, houve também uma reformulação nas dinâmicas linguísticas, de maneira que o servo-croata parou de existir e deu lugar a quatro idiomas, a saber, croata, sérvio, bósnio e montenegrino – quatro encarnações do ex-servo-croata que são mutuamente inteligíveis na comunicação cotidiana para a grande maioria de seus falantes (BUGARSKI, 2013, p. 150). Assim, a separação entre os idiomas se deu através da produção e exagero das diferenças, pela rejeição da língua franca do território compartilhado e pela criação de novas visões desse território por via linguística.

¹⁹ Referem-se a três tipos de grafia, *ikavica*, *ekavica* e *ljekavica*, que diferem em seu reflexo da letra Ъ (*jat*) da língua protoeslava, respectivamente, como /i/, /e/ e /ije/. Serve como um elemento de diferenciação entre os diferentes dialetos das línguas da região, sendo o primeiro mais utilizado na região da Dalmácia e ilhas da Croácia, o segundo na Sérvia, em Kosovo e no leste de Montenegro, e o terceiro na Bósnia, na Croácia, no sul da Sérvia e no oeste de Montenegro (KORDIĆ, 2010, pp. 90-92).

Leksikon foi analisado aqui em sua totalidade, como um panorama das imagens que compõem a memória coletiva. Assim, através da leitura e classificação de todos os verbetes em sete categorias temáticas, chegamos a um balanço que divide, em porcentagens, a composição do documento. Como a nostalgia muitas vezes se constrói em torno das contradições do presente, buscando, no passado perdido, representações de uma vida melhor – que se confundem com dinâmicas da vida cotidiana próprias à infância ou juventude de um indivíduo e não necessariamente com a realidade social em que esteve inserido –, a categorização quantitativa nos oferecerá uma visualização dos temas mais frequentes quando se fala no fenômeno da *iugonostalgia*.

Propomos, então, sete categorias:

1. **Política:** rituais e práticas associados ao mundo da política; nomes de políticos; datas importantes; exército nacional.
2. **Cultura popular:** cena musical: músicas, cantores, bandas; televisão: séries, desenhos animados, novelas, programas; cinema: filmes, diretores, atores e atrizes; personalidades, celebridades.
3. **Cotidiano:** alimentação; mercadorias: marcas, vestuário, bens de consumo; práticas: brincadeiras, eventos.
4. **Espaços:** restaurantes, bares, lojas, espaços de convivência em geral; cidades, marcos culturais, memoriais.
5. **Esportes:** jogadores, atletas, campeões olímpicos; competições, eventos esportivos.
6. **Arte, teatro e literatura:** artistas, obras, exposições; museus, movimentos artísticos; publicações, literatura, autores. teatro: peças, diretores, atores e atrizes.
7. **Linguagem:** metáforas, trocadilhos, figuras de linguagem; termos regionais, expressões populares.

Os resultados se encontram na tabela abaixo:

| CATEGORIA | QUANTIDADE | PORCENTAGEM (aprox.) |
|---------------------------|------------|----------------------|
| Arte, teatro e literatura | 46 | 5,34 |
| Cotidiano | 279 | 32,40 |
| Cultura popular | 291 | 33,79 |
| Espaços | 67 | 7,78 |
| Esportes | 40 | 4,64 |
| Linguagem | 31 | 3,60 |
| Política | 107 | 12,42 |
| TOTAL | 861 | |

Os elementos mais lembrados por todos aqueles que se dispuseram a participar do projeto de reconstrução da memória coletiva iugoslava se inserem nas categorias *cultura popular* e *cotidiano*, consideravelmente mais presentes do que os relatos da categoria *política*. No entanto, o teor político do documento não pode ser negado: menções aos eventos da década de 1990 são muito frequentes, estabelecendo relações entre o declínio e o desaparecimento dos elementos celebrados – das bandas musicais às discotecas frequentadas – com a morte de Tito e o subsequente fim da república. Assim, três conjuntos serão analisados em sua composição interna: as categorias *cultura popular* e *cotidiano*, que correspondem a dois terços da composição do documento, seguida por um breve olhar sobre o último terço do documento, que comporta todas as outras categorias.

a. Cultura popular

Dentre os relatos da categoria *cultura popular*, destacam-se menções à cena musical, como bandas e cantores, que se entrelaçam com relatos pessoais da juventude, narrando eventos relacionados à vida noturna, preferências musicais etc. Muitos relatos estabelecem uma relação entre a decadência e eventual dissolução da república e a deterioração da cena musical, que teria perdido sua qualidade, criatividade e vitalidade, lamentando explicitamente a década de 1990. No verbete *Kad bi bio Bijelo Dugme*, o autor afirma: “a falácia chamada *rock*

'n' roll iugoslavo e a entrada na era de ouro do socialismo de autogestão, deixou a minha geração despreparada e sem anestesia para enfrentar os terríveis anos 1990"²⁰ (ROSIĆ, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa). No verbete *Ekatarina Velika*, a autora complementa:

Tínhamos a sensação de que nada poderia nos parar. E isso nos parou. (...) Nós nos vimos completamente despreparados, desprecauidos; ainda hoje não está claro para mim como aqueles que se incomodavam com a diversidade com que éramos alimentados conseguiram nos superar²¹. (ANDRIĆ, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa).

Também são muito frequentes as menções a atores e atrizes de cinema que, como afirma o autor do relato *Čkalja e Mija*, "foram, na verdade, os primeiros heróis da cultura popular local do pós-guerra, antes do surgimento de cantores, apresentadores de TV e outros semelhantes"²² (ZOGRAF, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa). Também há destaque para filmes, diretores, figuras e programas da televisão. É interessante mencionar o verbete *Grlom u Jagode*, que se refere a uma das séries de TV mais conhecidas e transmitidas na república. A série escrita por Srđan Karanović e Rajko Grlić retrata a vida do personagem Bane Bumbar no intervalo de 1960 a 1969, narrando a vida típica da juventude da década de 1960 em Belgrado. Os elementos cotidianos da série, os primeiros amores, a vida escolar e as decepções de Bumbar despertavam sentimentos de identificação do público, que seguia "todas as tentações de Bane e de toda uma adolescência, essa idade especial"²³ (TALAĆ, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa). Era uma época de grande otimismo, como relembra o autor do verbete ao citar o diretor da série, Srđan Karanović:

Posso dizer, da perspectiva de hoje, que sou muito feliz por ter crescido na década de 1960. Não me lembro de nenhuma pressão política sobre meus pais, meus amigos, ou sobre mim nessa época. Vivíamos muito modestamente, mas tínhamos a sensação de que as coisas estavam melhorando, tanto ao nosso redor quanto dentro de nós, e essa é uma

²⁰ No original: "Zabluda zvana jugoslovenski rock'n'roll i ušukanost u zlatno doba samoupravnog socijalizma, učinila je da moja generacija nespremno i bez anestezije dočeka grozne 1990-e godine".

²¹ No original: "Imali smo osjećaj da nas ništa ne može zaustaviti. A zaustavilo nas se. (...). Zateklo nas se u potpunosti nespremne, nepripremljene; ni dan danas nije mi jasno kako su nas, onakve, uspjeli nadglasati oni kojima je smetala različitost kojom smo se mi napajali".

²² No original: "(...) bili su zapravo prvi junaci ovdašnje posleratne popularne kulture, pre nego što su se pojavili pevači, TV-voditelji i njima slični".

²³ No original: "[Pratimo] sva Banetova iskušenja i ona jedne adolescencije, jednog posebnog doba".

sensação fantástica²⁴ (TALACÍ, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa).

Sobre as décadas seguintes, podemos mencionar dois verbetes: *Na Slovo Na Slovo*, um programa infantil da década de 1970 que era “a prova suprema de que já foi perfeitamente possível estar no nível dos padrões europeus de produção de TV”²⁵ (BALJAK, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa), e o verbe *Nepokoreni Grad*, série da década de 1980 que foi “um sinal da decadência da produção daquela época”²⁶ (ANÔNIMO, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa). Assim como na música, parece existir na percepção dos autores uma forte correspondência entre a dissolução da república e a perda de qualidade da produção cultural, acompanhada de pessimismo em relação ao futuro. No campo da cultura, autores afirmam que essa se torna cada vez mais *ocidental*, incentivando os espectadores que, “como os personagens principais, começaram a se vestir em Trieste, construindo chalés e comprando carros a crédito”²⁷ (PANTIĆ; POKRAJAC, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa).

Por fim, há relatos que evocam imagens que compunham o cotidiano popular, como algumas figuras conhecidas que habitavam a vida diária na capital. Ao recordar o famoso policial de trânsito Jovan Bulj, conhecido por seus truques e danças nas ruas de Belgrado, um dos contribuintes do *Leksikon* relata:

Quando a vida é mais parecida com um grunhido, quando não sabemos se algum dia conseguiremos sair de toda essa merda em que caímos tão miseravelmente, sua sombra branca parece pairar sobre o triste caos abaixo, em sua versão mais solene²⁸ (ARSENIJEVIĆ, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa).

²⁴ No original: “Mogu da kažem, iz današnje perspektive, da sam vrlo srećan što sam odrastao u tim 1960-im godinama. Ne pamtim iz tog vremena nikakve političke pritiske ni na moje roditelje, ni na mene, ni na moje drugove. Vrlo skromno smo živeli, ali smo imali osećaj da stvari idu nabolje i oko nas i u nama, a to je fantastičan osećaj”.

²⁵ No original: “Krunski dokaz da je nekad bilo sasvim moguće biti na nivou evropskih standarda TV-produkcije”.

²⁶ No original: “(...) znak produkcijske dekadencije tadašnjeg vremena”.

²⁷ No original: “(...) poput glavnih junaka, počeli odijevati u Trstu, graditi vikendice i kupovati automobile na kredit”.

²⁸ No original: “(...) kada život ponajviše liči na hroptanje, kada ne znamo hoćemo li se ikada izvući iz svih sranja u koja smo tako jedno zapali, njegova bela senka kao da lebdi nad tužnim haosom dole, u svom najsvečanijem izdanju”.

b. Cotidiano

Na categoria *cotidiano*, destacam-se histórias de infância relacionadas a brincadeiras, dinâmicas escolares e alimentos, bens de consumo de produção nacional que seriam réplicas de objetos estrangeiros e ainda práticas comuns da típica família iugoslava (destinos de férias, pratos típicos, produtos domésticos etc.). Os verbetes dessa categoria exprimem fortes nuances nostálgicas, especialmente ligadas a uma vida de outro ritmo.

Grande parte dos relatos traz histórias de infância. O autor do verbete *Ekskurzije* se lembra com saudades das excursões promovidas pelas escolas para que as crianças pudessem conhecer o seu país:

Parte da estratégia pedagógica das escolas da época era a sutil insistência de que a Iugoslávia era diferente de todos os outros países do mundo (especialmente em termos de organização social – a autogestão) e que, claro, era a ‘melhor’ em tudo²⁹ (PANTIĆ, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa).

Outras menções são a *Informativka*, um “caderno obrigatório, geralmente em formato pequeno, no qual a ‘camarada’ (professora) registra observações sobre o aluno proprietário do informativo, (...) frequentemente sujeitas a serem falsificadas pelos alunos”³⁰ (GRUBER, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa); *Cijepljenje*, vacinação obrigatória nas escolas; *Izviđači*, referindo-se aos grupos de escoteiros; e *Pionir*, o subgrupo da juventude comunista para o qual os alunos entravam ainda na escola primária. A autora do verbete relembra:

A iniciação consiste em um juramento coletivo e solene (‘Hoje, quando me tornar um pioneiro, dou a honrosa palavra de pioneiro de que estudarei e trabalharei diligentemente, respeitarei meus pais e os mais velhos, e serei um camarada bom e fiel que manterá a sua palavra. Que amarei a minha pátria, a República Federal Socialista da Iugoslávia e todos os seus povos e nacionalidades’)³¹ (GRUBER, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa).

²⁹ No original: “Deo pedagoške strategije tadašnjih škola bilo je i suptilno insistiranje da se Jugoslavija razlikuje od svih drugih zemalja sveta (posebno po društvenom uređenju — samoupravljanju) i da je, naravno, ‘naj’ u svemu”.

³⁰ No original: “Obavezni notes, najčešće malog formata, u koji ‘drugarica’ (učiteljica) bilježi primjedbe o učeniku-vlasniku informativke, (...) često podliježe krivotvorenju od strane učenika”.

³¹ No original: “Inicijacija se sastoji od svečane, kolektivne zakletve (‘Danas, kad postajem pionir, dajem časnu pionirsku riječ da ću marljivo učiti i raditi, poštovati roditelje i starije, i biti vjeran, dobar drug koji

Também são frequentes as menções a diferentes bens de consumo: alimentos, brinquedos, itens de vestuário etc. Alguns exemplos são os verbetes *Pernica*, se referindo ao estojo “normalmente comprado alguns dias antes do início do novo ano escolar ou herdado de uma irmã ou irmão mais velho”³² (ANÔNIMO, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa); *Jugoplastika gumene sandale*, sandálias de plástico nacionais que eram compradas sempre que a família ia para o mar; e *Argo juha (supa)*, a primeira sopa em pó produzida em território nacional, um “suprimento obrigatório nos passeios e excursões daquela época”³³ (JOVANOVIĆ, *Leksikon Yu mitologije*, tradução nossa). Por fim, no verbete *Pekabela sladoledi*, o autor questiona: “Você acha que existem tantos sorvetes baratos, lojas tão boas e crianças tão felizes hoje?”³⁴ (SEKULIĆ, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa).

c. Demais categorias

As demais categorias, em sua totalidade, correspondem a cerca de um terço do *Leksikon*. Sua composição interna será brevemente mencionada e analisada, mais uma vez destacando os elementos mais presentes em cada uma. Na categoria *política*, muitos verbetes se referem ao partido comunista: o seu vocabulário interno, práticas comuns entre os seus membros e certos cargos. Alguns exemplos são *Vrbovanje đaka da stupe u Partiju* (literalmente: recrutamento de alunos para que se juntem ao partido – descrito no relato como algo que “era para ser uma honra; na prática, significava ter que assistir às reuniões da filial local, que eram entediantes porque nada acontecia nelas”³⁵ [MATIĆ, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa]); *Partijski slučaj* (incidente do partido – ou seja, membros problemáticos); e *Zatvoreni partijski sastanak* (reunião fechada do partido). Também são frequentemente mencionados os símbolos que se faziam presentes na vida cotidiana dos

drži datu riječ. Da ću voljeti svoju domovinu, Socijalističku Federativnu Republiku Jugoslaviju i sve njene narode i narodnosti.’)”

³² No original: “Obično kupovan nekoliko dana prije početka nove školske godine ili nasljeđivan od starije sestre ili brata”.

³³ No original: Obavezan provijant na svim izletima i ekskurzijama tog vremena.

³⁴ No original: “Mislite da danas ima tako jeftinih sladoleda, tako dobrih dućana i tako sretne djece?”.

³⁵ No original: “To je trebala biti čast; u praksi, to je značilo da se mora prisustvovati sastancima lokalnog ogranka, koji su bili dosadni, jer se nikad nije ništa dešavalo na njima”.

cidadãos, como o famoso lema *Bratstvo i jedinstvo* (fraternidade e unidade), *Neprijatelj nikad ne spava* (o inimigo nunca dorme – slogan político que se tornou um ditado popular) e *Od Vardara pa do Triglava*³⁶ (de Vardar até Triglav), o início de uma famosa canção que foi candidata a hino nacional e era cantada em cerimônias oficiais. Um relato muito interessante revela a profunda incorporação do imaginário político na vida cotidiana: o verbete *Partizana i nemaca* (*partisans* e alemães) se refere a uma brincadeira infantil na qual um grupo representava os alemães, que lutavam contra os *partisans*, em referência às guerras de libertação³⁷ contra às ocupações nazista e fascista no período da Segunda Guerra Mundial. O autor do verbete escreve:

O alemão sempre foi a pessoa mais odiada da sociedade. Portanto, os 'alemães' frequentemente estavam em minoria. Às vezes ninguém queria ser alemão, então todos nós atiramos pedras (bombas) em um oponente imaginário³⁸ (TASIĆ, *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa).

Por fim, as menções mais numerosas nessa categoria tratam de diversos elementos ligados ao famoso presidente Josip Broz Tito, revelando o protagonismo de sua figura na dinâmica social da república. O relato *Tito pa bog* (Tito, e depois deus) narra uma ocasião em que os moradores de uma vila, ao receberem os alimentos que estavam em falta no mercado local, discutiam a quem deveriam agradecer pela generosidade, Tito ou deus. Outras menções são os verbetes *Titovi govori* (os discursos de Tito), *Prazna stolica* (cadeira vazia – “na

³⁶ Refere-se ao rio Vardar, o rio mais longo da Macedônia, e ao ponto mais alto da Eslovênia, Triglav, onde atualmente há um parque nacional. Assim, “de Vardar até Triglav” é uma alegoria à extensão do território iugoslavo.

³⁷ As guerras de libertação nacional são um dos fundamentos da identidade iugoslava. Com a invasão dos poderes do Eixo em 1941, três forças internas passaram a disputar o controle do território contra a ocupação estrangeira: os *Četniks* (movimento sérvio que disputava em nome do rei da primeira Iugoslávia, Pedro II da dinastia Karađorđević, o qual estava em exílio), os *Ustaše* (grupo ultranacionalista croata que se aliou aos poderes fascistas) e os *Partisans* (movimento de resistência liderado pelo partido comunista, que agregou sob sua liderança membros provenientes de todas as nações e nacionalidades iugoslavas). O triunfo dos Partisans contra a ocupação nazi-fascista e contra os grupos dissidentes internos significava a reconciliação entre as nacionalidades através da luta partidária pela unidade nacional, da qual todos teriam participado igualmente contra as forças da oposição. Assim, a reconciliação nacional da *fraternidade e unidade* está firmemente ligada ao mito da luta pela libertação nacional e à ideologia comunista, que era capaz de eliminar todas as formas de desigualdade, inclusive as de natureza étnica e nacional (PAVKOVIĆ, 2000, pp. 35-42).

³⁸ No original: “Nemac je uvek bio neko najomraženiji iz društva. Samim tim ‘Nemci’ su često bili u manjini. Ponekad niko nije hteo da bude Nemac pa smo svi bacali kamenje (bombe) na zamišljenog protivnika”.

Mariana Hebling Alen Loureiro

qual em 4 de maio de 1980 se sentou Miroslav Lilić, o então diretor da *Televizija Zagreb*, e anunciou às massas que o presidente da Iugoslávia, marechal Josip Broz Tito, havia morrido³⁹ [ANÔNIMO. *Leksikon YU mitologije*, tradução nossa]); *Bilo je časno živjeti s Titom* (“Foi uma honra viver com Tito” – um livro publicado imediatamente após a sua morte); e *Dan kad je umro Tito* (O dia em que Tito morreu), o verbete que conta com mais relatos em todo o *Leksikon*, comportando quinze diferentes narrativas em torno do dia em que foi anunciada a morte do presidente.

Quanto às outras categorias, seguem a mesma lógica dos verbetes mencionados até aqui. A categoria *Espaços* enfatiza festivais e pontos da vida noturna, como *Akademija Republika* (bar alternativo em Belgrado) e *Crveni kiosci s viršlama* (Quiosque vermelho de cachorro-quente, especialmente frequentado por jovens depois das longas noitadas), que vieram a desaparecer com o fim da república, em um movimento de associação entre a perda desses locais frequentados na juventude e o colapso da Iugoslávia. Também são mencionados destinos de férias populares na infância dessas gerações, como *Letovanje na hrvatskom primorju* (férias na costa da Croácia) e *Buljarica* (um resort de férias em Montenegro). A categoria *Esportes* é composta, em sua maioria, por medalhistas olímpicos – *Miroslav Cerar* e *Jure Franko* –, exaltando o talento e as vitórias desses atletas. A categoria *Arte, Teatro e Literatura* abrange romances que fizeram sucesso entre os jovens, livros infantis populares – como o famoso *Ježeva kućica* –, alguns artistas conhecidos e peças de teatro. Por fim, a categoria da *Linguagem* – que conta com o menor número de verbetes – é composto por gírias e figuras de linguagem locais, de várias regiões da ex-república.

Como uma fonte repleta de subjetividades, seu conteúdo é resultado de escolhas que podem ser conscientes ou inconscientes; assim, tudo aquilo que foi deixado de fora também possui relevância e deve ser analisado. Em todo o corpo do *Leksikon*, com a exceção de *Miroslav Krleža*, não há menções a escritores iugoslavos reconhecidos internacionalmente,

³⁹ No original: “na koju je 4. 5. 1980. sjeo Miroslav Lilić, tadašnji glavni urednik Televizije Zagreb, i narodnim masama obznanio da je umro Predsjednik Jugoslavije, maršal Josip Broz Tito”.

como Ivo Andrić, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, ou Danilo Kiš (figuras de nacionalidade disputada – sérvia, croata, ou nenhuma das duas?). Quase não existem menções a políticos, com exceção de Tito e alguns nomes que eram conhecidos entre os cidadãos, seja por seu *status* de proximidade ao presidente ou por políticas que despertaram o descontentamento – por exemplo, o ministro da educação Stipe Šušvar, que implementou uma reforma educacional com altos índices de rejeição. Por fim, não existem verbetes sobre eventos históricos, tal como haveria em uma enciclopédia tradicional: quando são mencionados, estão em segundo plano, como pano de fundo para um outro verbete. Assim, observa-se uma inversão do projeto historicista, colocando os grandes nomes e os grandes eventos em segundo plano e trazendo os detalhes pessoais e as vivências cotidianas para o centro da discussão. Em vez de uma narrativa épica, uma leitura construtivista – não o *tempo vazio e homogêneo*, ou a *imagem eterna de passado*: uma experiência única, reconstituída por vozes singulares que passam a ser não apenas *do* passado, mas também *no* passado.

Nostalgia e modernidade: o encontro entre o passado e o presente

No trabalho proposto, não pretendemos esgotar todas as possibilidades oferecidas pelo *Leksikon*. Ao contrário, nos propomos a observar, através de um levantamento temático inicial, quais são os elementos que mais aparecem, em um mapeamento panorâmico da memória coletiva evocada pela *iugonostalgia* – abrindo possibilidades para pesquisas mais específicas e profundas. Os dados obtidos através da análise quantitativa são um ponto de início para a interpretação desse vasto conteúdo: a prevalência de objetos cotidianos e circulação cultural revela uma dinâmica nostálgica que não distingue temporalidades pessoais e coletivas, entrelaçando infância, juventude, vida cultural e símbolos políticos. Assim, considerando o balanço completo dos elementos presentes, revela-se uma nostalgia por uma vida de outro ritmo, que recupera o modo de vida socialista de maneira subjetiva – pelo intermédio dos signos que marcavam o seu cotidiano. A presença de temas sociopolíticos é inegável, no entanto, esses aparecem pela mediação de memórias pessoais fundadas na experiência cotidiana; nesse sentido, é mencionada a estabilidade da vida social e econômica e, principalmente, a ideia de união e cooperação entre as repúblicas – apesar das diferenças étnicas e culturais que alimentariam os movimentos nacionalistas na década

de 1990, a época do fim das bandas de rock, dos bares preferidos e do país da *fraternidade e unidade*.

Apresentados como uma realidade simbólica, os elementos materiais que marcaram a vida na ex-república atuam como uma ponte entre o presente e o passado, como um suporte através do qual se pode acessar esse substrato mais profundo, de natureza elusiva e metafórica. Em outras palavras, se o passado e o presente fossem contínuos, o presente não teria dificuldades em narrar o passado pela fusão linear das experiências do passado e do presente, os quais seriam legados a um futuro que seria a sua continuação. Em contrapartida, o que se busca aqui é uma história que se constrói como a consolidação das múltiplas experiências em uma constelação única e original, através das subjetividades mediadas pela memória. O trabalho de reconstituição de algo tão disperso e múltiplo quanto a memória coletiva, um conceito confuso e assistemático (BOYM, 2001, p. 54), apresenta inúmeras dificuldades. Se é despertado por um presente de insatisfações, o passado também é evocado de maneira idealizada:

o nostálgico deseja obliterar a história e transformá-la em mitologia privada ou coletiva, visitar o tempo como espaço, recusando-se a se render à irreversibilidade do tempo que assola a condição humana⁴⁰ (BOYM, 2001, p. XV, tradução nossa).

Porém, para além dos desafios, essas chaves de leitura oferecem ao historiador novas alternativas para entender aquilo que não pode ser extraído da documentação tradicional, desafiando o projeto do historicismo.

Boym compreende o fenômeno da nostalgia como parte inerente da condição moderna, vinculada às mudanças na percepção temporal e à constante aceleração do tempo histórico, conduzidas pela obsessão do progresso técnico. Nesse sentido, a nostalgia assume como uma de suas facetas o carácter de rebelião contra esse *tempo vazio e homogêneo*. Em

⁴⁰ No original: "The nostalgic desires to obliterate history and turn it into private or collective mythology, to revisit time like space, refusing to surrender to the irreversibility of time that plagues the human condition".

espaços pós-socialistas, esse fenômeno adquire características próprias: fora da lógica de progresso desacerbado e produtividade, essas sociedades dispunham de mais tempo para a reflexão – e também para sonhos e prospectos futuros. Assim, retrospectivamente, poderia se pensar na nostalgia como a saudade de um tempo mais lento, das possibilidades que permaneciam em aberto no passado e das expectativas que pareciam positivas antes de serem concretizadas, permeadas pelos ritmos e universo da infância e da juventude. Se manifestando por intermédio de símbolos e objetos, a nostalgia “não é sempre pelo antigo regime ou pelo império caído, mas também pelos sonhos não realizados do passado, e por visões de futuro que se tornaram obsoletas”⁴¹ (BOYM, 2001, p. XVI, tradução nossa).

Referências bibliográficas

ABAZOVIĆ, Dino; VELIKONJA, Mitja (org). **Post-Yugoslavia: New Cultural and Political Perspectives**. Nova Iorque: St Martin’s Press, 2014.

BAKER, Catherine. **The Yugoslav Wars of the 1990s**. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

BAKIC-HAYDEN, Milica; HAYDEN, Robert. Orientalist Variations on the Theme “Balkans”: Symbolic Geography in Recent Yugoslav Cultural Politics. In: **Slavic Review**, Urbana, v. 51, n. 1, pp. 1-15.

BENJAMIN, Walter. **O Anjo da História**. São Paulo: Autêntica, 2012.

BOŠKOVIĆ, Aleksandar. Yugonostalgia and Yugoslav Cultural Memory. In: **Slavic Review**, Urbana, v. 72, n. 1, pp. 54-78, 2013.

BOYM, Svetlana. **The Future of Nostalgia**. Nova Iorque: Basic Books, 2001.

FINE, John. **When Ethnicity Did Not Matter in the Balkans**. Ann Arbor: Michigan University Press, 2009.

GORUP, Radmila (org). **After Yugoslavia: The Cultural Spaces of a Vanished Land**. Stanford: Stanford University Press, 2013.

HELSINKI COMMITTEE FOR HUMAN RIGHTS IN SERBIA (org). **Yugoslavia from a Historical Perspective**. Belgrado: Delfimedia, 2017.

⁴¹ No original: “[Nostalgia] is not always for the *ancien regime* or fallen empire but also for the unrealized dreams of the past and visions of the future that became obsolete”.

KORDIĆ, Snježana. **Jezik i nacionalizam**. Zagreb: Durieux, 2010.

PAVKOVIĆ, Aleksandar. **The Fragmentation of Yugoslavia: Nationalism and War in the Balkans**. Nova Iorque: St. Martin's Press, 2000.

SPASKOVSKA, Ljubica. **The Last Yugoslav Generation: the rethinking of youth politics and cultures in late socialism**. Manchester: Manchester University Press, 2017.

UGREŠIĆ, Dubravka. The Confiscation of Memory. In: **The New Left Review**. Londres, n. 218, pp. 26-39, Julho/Agosto 1996.

VELIKONJA, Mitja. **Titostalgia: A Study of Nostalgia for Josip Broz**. Ljubljana: Peace Institute, 2008.

VOLČIČ, Zala. Yugo-Nostalgia: Cultural Memory and Media in the Former Yugoslavia. In: **Critical Studies in Media Communication**. Londres, vol. 24, no. 1, pp. 21-38, Março 2007.

WEST, Rebecca. **Black Lamb and Grey Falcon: a journey through Yugoslavia**. Nova Iorque: Penguin Books, 1982.